

BELÉM, Elisa. O estímulo à autoria e a criação a partir de *saberes básicos*. Campinas, UNICAMP – Universidade Estadual de Campinas; FAPESP; Doutorado em Artes da Cena (em andamento).

## Resumo

O conceito *pulsão de ficção* (SPERBER, 2009), indica o caráter de superação e de elaboração de emoções profundas presentes no ato de criar. Tais aspectos mostram a importância do estímulo ao desenvolvimento da autoria. Esse aspecto será verificado na arte brasileira tomando-se como exemplos obras da dançarina Dudude Herrmann (BH, MG), Enrique Diaz (RJ, RJ) e Lygia Clark (BH, MG). Os artistas indicados desenvolvem ou desenvolveram trabalhos que apresentam aspectos que podem ser relacionados aos chamados *saberes básicos* ou *universais* (SPERBER, 2009): “simbolização”, “efabulação” e “imaginário”. Os *universais*, comuns a todos os indivíduos, uma vez estimulados podem proporcionar obras e poéticas particulares. Os trabalhos de Herrmann, Diaz e Clark mostram caminhos percorridos que podem estimular novas criações.

## Palavras-chave

Autoria, criação, ficção.

## Abstract

The concept of *fiction pulse* (SPERBER, 2009), indicates the character of overcoming and elaborating deep emotions in the act of creating. Those aspects show the importance to encourage the development of authorship. This aspect will be checked in Brazilian art taking as examples works by the dancer Dudude Herrmann (BH, MG), Enrique Diaz (RJ, RJ) and Lygia Clark (BH, MG). The nominees develop or developed works which aspects can be related to so-called *basic knowledge* or *universals* (SPERBER, 2009): "symbolization", "efabulação" and "imaginary". The *universals*, common to all individuals, once stimulated can provide particular works and poetics. The works of Herrmann, Diaz and Clark show paths taken that can stimulate new creations.

## Key-words

Autorship, creation, fiction.

**ARTE DA CENA:  
A PESQUISA EM  
DIÁLOGO COM  
O M U N D O**

**VII Reunião Científica  
da ABRACE**

27 a 29.outubro.2013  
UFMG - Belo Horizonte



“Arte da cena: a pesquisa em diálogo com o mundo” é o tema desta Reunião Científica da ABRACE. Em três dias se congregam artistas, pesquisadores, acadêmicos para pensar o fazer e a pesquisa no campo das artes cênicas. O diálogo almejado é sempre com o mundo: “mundo corpo/ universo imenso enorme/reduzido em um simples” – “ponto” (HERRMANN, 2011, p. 86). Ou mesmo: “Corpo planeta/tem várias coisas/ eu por exemplo sou uma coisa/ e tenho várias coisas também/ e conheço várias coisas também” (HERRMANN, 2011, p.149). Então, devemos falar de um “corpo mundo”(HERRMANN, 2011, p.16), para construir “uma poética de sensibilidades” (HERRMANN, 2011, p. 305).

De repente, gostaria de imaginar que as palavras dançam na folha de papel e que o corpo do texto, escrito em fonte arial, tamanho 12, define-se por sua qualidade de presença, que afeta a quem o lê. Penso em linhas de fuga, em uma devir-linguagem. E, também, em forças que atravessam o resumo expandido: visa refletir sobre uma pesquisa que não tem outro propósito senão pulsar, como a vida. Sim, a vida tem me interessado, pois percebi que pode escapar sem muito aviso. E queira ou não queira, as artes da cena se voltam para a vida.

Lembro sempre do filme de Bergman, *Fanny e Alexander*, que mostra a vida de uma família – com aventuras e desventuras, vivos e mortos (como qualquer outra família), mas marcada por uma paixão pela cena. Ou seja, pela magia, a que tanto se referiu Artaud... Ali, naquele núcleo familiar está o mundo, com a bem-aventurança e com o desassossego. Isto tudo é para lembrar que a Reunião é sobre esse objeto tão caro às artes da cena: a vida, que está no mundo.

Agora, é Lygia Clark (1998, p. 165) quem fala: “Tomei consciência de meu “pulmão cósmico”. Penetro no ritmo total do mundo. O mundo é meu pulmão. Seria essa fusão a morte? Por que essa plenitude tem o sabor de morte? Estou tão incrivelmente viva... Como unir sempre esses dois pólos? Várias vezes em minha vida descobri a identidade da vida e da morte”. Sim, a citação tem mais de três linhas e deveria vir destacada do corpo do texto. No entanto, aqui se

trata do corpo-mundo do texto e neste, cabe tudo. Mas Lygia Clark informa que o mundo é o seu pulmão. Então, também é o meu e também é o seu, leitor.

Respiro e trago agora uma fala do diretor e ator Enrique Diaz, que nos lembra que: “A abstração que é viver, a arte a concretiza, por mais do que se possa pensar de sua natureza, do falso do artifício, da invenção”(DIAZ, 2006, p. 24). O assunto em pauta é então abstrato, o viver, tornado concreto, na arte. A discussão abstrai do físico e retorna a ele.

Se o assunto é vida, morte; corpo, mundo; arte, cena, penso na ideia de superação, conforme o conceito *pulsão de ficção* (SPERBER, p. 106, 2009) propõe. Para Sperber, todo ser humano tem uma capacidade inata para criar e uma necessidade de fazê-lo, a fim de elaborar emoções profundas e eventos vividos. O que possibilita a comunicação e integração com o outro, e, portanto, o desenvolvimento da *pulsão de ficção*, é a existência de *universais* ou *saberes básicos: imaginário, simbolização e efabulação*. Por meio do estímulo à *pulsão de ficção* ou artística, desenvolve-se a *autoria* – a singularidade no ato da criação.

O meu interesse de pesquisa é pela arte brasileira - esta feita aqui mesmo, com arranjos e adaptações, com muita criatividade, com “sabor de feito em casa”. Uma arte autoral. Talvez, porque seja nostálgica e goste de lembrar do cheiro das coisas, das cores e das expressões do rosto. E mais do que tudo, do som das falas, da linguagem. Todos esses são elementos de composição da cena. Grotowski, ao diferenciar o movimento da ação física, lembrou-se desses detalhes, que às vezes, se diluem na imagem. E foi viajando pelo mundo que me senti mais brasileira. Ao ver o outro, o diferente; ao ver também o parecido, o familiar, o ascendente, aqueles a quem me assemelho, mas não sou. Do outro lado do mundo, um certo dia, vi também o meu rosto refletido no vidro do metrô e me vi triste. Muito triste, como se a vida me escapasse. E eu deveria estar feliz... Assisti à muitos espetáculos, pude ver muitos atores e dançarinos de excelência, exposições, vídeos, livros, nos centros do mundo... Corpos-mundo que irão morrer.

Desloquei-me para outros países e voltei para o Brasil. E me recoloco no mundo daqui. Falo que vi, relato. Penso no movimento de nossos corpos deste

lado de cá do planeta. Na dança no meio da rua durante o carnaval; no medo que nos apressa na cidade; no pensar e na dificuldade de falar. Há uma tendência no mundo a perceber que a prática da cena produz teoria por si. Se temos uma prática tão potente, no Brasil, por quê não temos uma teoria de mesmo peso? O quê impede a nossa autoria? O quê nos coloca em um lugar de inferioridade, de consulta ao outro, ao estrangeiro, com poucas interlocuções de igual para igual?

Há, em muitos lugares no exterior, uma infra-estrutura admirável: ambientes para pesquisa, para a troca, espaços para a discussão, para a apresentação e recepção de *performances*, com muito conforto. Aqui estamos constantemente lutando: por mais espaço, por mais recursos, por mais possibilidades, por pesquisas mais aprofundadas, por mais respeito. Mas há o desejo e também a força da construção; do saber que há muito ainda por fazer. E que temos que fazê-lo.

Estamos, assim, sempre tentando superar algo – um trauma e também o contrário dele, em busca de potência de vida. Isso ocorre no nível macro – na busca por aprimoramento, nos mundos compartilhados – e no nível micro – nas questões pessoais, nos mundos particulares. A arte é a nossa grande senhora, que nos move nesses caminhos.

Desse modo, tem-se, por exemplo, o desenvolvimento de trajetórias e obras significativas, como dos artistas já citados: Dudude Herrmann, na linguagem da dança; Lygia Clark, nas artes plásticas ou visuais; Enrique Diaz, no teatro. E tantos outros. Sem falar na nossa literatura e música, tão ricas! Esses corpos-mundos de Dudude, Clark e Diaz produziram e produzem eventos artísticos e palavras. Deixam rastros, tanto por suas obras - na memória de quem vê, nos arquivos, - quanto pela qualidade de sua presenças nesse mundo: por suas *práticas de sensibilidade*.

Parece que temos que despertar todos os dias a nossa sensibilidade. Colocá-la em ação; acreditar nela; produzir *práticas de sensibilidade*. Pois, essas práticas são pensamentos. E é somente o pensar que propicia o dialogar. Possibilita olhar o próprio rosto triste e perceber que o mundo está no nosso quintal. E eu vou subir na árvore mais próxima para ver o mundo lá de

cima... Ver que o movimento na dança, a ação física, a imagem e a *proposição* plástica, começam aonde o meu olhar alcança. Se modificam aonde a dor me dói, ou, aonde o prazer e o riso iniciam. No lugar em que supero pelo simples. E que mover, agir começa a fazer algum sentido, pois é à isso que as artes da cena servem; sim, é servidora – do sentido, da alegria, no momento em que se atinge a idiosincrasia; o particular, o autoral, que pode também ser universal. O corpo-mundo é o mundo-corpo. E é esse diálogo que pesquiso, no mundo, sobre as artes.

### Referências bibliográficas

DIAZ, Enrique et al. (Org.). **Na companhia dos atores** – ensaios sobre os 18 anos da cia dos atores. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2006.

HERRMANN, Maria de Lourdes et al. (Dudude) (Org.). **Caderno de notações** – a poética do movimento no espaço de fora. Belo Horizonte: Ed. da Autora, 2011.

LYGIA CLARK. Fundació Antoni Tàpies de Barcelone: catálogo da exposição Lygia Clark. Barcelona, 1998. 362p.

SPERBER, Suzi Frankl. **Ficção e Razão** – uma retomada das formas simples. São Paulo: Fapesp/Hucitec, 2009.